

Johan Huizinga e a História da Cultura: a dimensão ética e estética da História

Naiara dos Santos Damas Ribeiro*

Resumo:

O historiador holandês Johan Huizinga (1872-1945) ficou conhecido no meio acadêmico por sustentar um deliberado distanciamento em relação aos paradigmas historiográficos de seu tempo. Desde o início de sua carreira, como professor na Universidade de Groningen em 1905, ficou claro que sua forma de conceber o conhecimento histórico estava em visível descompasso com o pensamento histórico então em voga, sobretudo, no que se referia a uma tendência de aproximação mais acentuada da História com as Ciências Sociais e com a Psicologia. Neste texto pretendemos discutir esse distanciamento crítico de Huizinga em relação à historiografia de seu tempo e mostrar como, para Johan Huizinga, a chave para a compreensão histórica estava, não na descoberta de leis históricas e categorias, mas estreitamente vinculada a uma apreensão ética e estética do passado.

Palavras-chave: Johan Huizinga; Historiografia; História da Cultura.

Em 1905, ao assumir a cátedra de professor de História na Universidade de Groningen, Holanda, Johan Huizinga viu-se diante de uma árdua tarefa. Como era tradição na academia holandesa, os novos professores deveriam começar a sua atividade científica por uma reflexão e uma tomada de posição pública em relação aos fundamentos da própria disciplina. Para Huizinga, essa não era uma empreitada das mais fáceis: o seu próprio caminho até chegar a esse cargo havia sido de tal forma singular, que lidar com os problemas da compreensão histórica requeria, naquele momento, um estudo de grande fôlego.

Huizinga não era um historiador de profissão. Entre a sua infância permeada pelas cores do passado pátrio, por brasões e cavaleiros medievais até o momento de sua posse ao cargo de professor de História em Groningen, um longo intervalo o havia separado dos problemas do conhecimento histórico. Durante a sua juventude, ele havia se dedicado aos estudos lingüísticos e orientais e era nessas áreas que ele esperava obter reconhecimento acadêmico. Mas por questões pessoais e por influência de seu professor P.J.Blok, ao terminar seu doutorado em 1897, Huizinga tornou-se, sem muito entusiasmo, professor de história da Escola superior de Haarlem. Em relação a esses anos de magistério, Huizinga dizia: “eu era agora um professor de história, mas de maneira nenhuma um historiador”.¹ Tornar-se efetivamente um historiador foi algo que se deu somente com a sua entrada na Universidade

* Mestranda, bolsista CAPES.

¹ HUIZINGA, Johan. My path to History. In: *Dutch Civilization in the Seventeenth Century and other essays*. Londres: Collins, 1968. p.262-263. “I was now a teacher of history, but not at all a sound historian”.

de Groningen. Só a partir desse momento ele se sentiu a vontade para dizer que seu “caminho para a História estava então completo”.²

Quando o caminho de Huizinga convergiu para a História este conhecimento encontrava-se imerso em uma grave crise de seus paradigmas. Desde o final do século XIX, a História havia sido forçada a debruçar-se sobre si mesma, redefinindo o seu campo específico de atuação como ciência e seus objetos de interesse.³ Ao escrever sua aula inaugural, Huizinga tinha plena consciência de todos esses problemas que fragilizavam o conhecimento histórico e de quanto era delicado tratar da teoria da ciência histórica naquele momento. Ele sabia também estar entrando em um “campo no qual o debate de opiniões está em pleno desenvolvimento”⁴ e no qual o objeto em disputa em questão era a própria natureza do conhecimento histórico. Era um ato perigoso, sem dúvida. Entretanto, em sua opinião, era ainda mais perigoso se omitir: “cada passo é perigoso, e é duplamente perigoso se não se escolhe rapidamente que parte estar”.⁵ Dessa forma, a aula inaugural de Huizinga, apresentada em 5 de novembro de 1905, comportava uma dupla tarefa: primeiro, a de “escolher de que parte estar” no tocante aos debates sobre a teoria da ciência histórica “em pleno desenvolvimento” e, segundo, a de apresentar as idéias que o orientariam em seus estudos históricos.

O título dado a esse discurso inaugural, *O Elemento estético das representações históricas*, já apontava para qual era o posicionamento de Huizinga em relação a esses debates teóricos: diferentemente das correntes predominantes da historiografia européia, sobretudo alemã, do final da segunda metade do século XIX, Huizinga acreditava que o ato de compreensão histórica comportava características distintivas que o aproximavam mais da Arte do que da Ciência. Tal assertiva o colocava no centro de uma longa querela sobre o estatuto científico da história que remontava a polêmica em torno do historiador alemão Karl Lamprecht em 1891 – que repercutiu com poucas demonstrações de desgaste até meados do século XX – e à crise dos paradigmas historicistas, de seus métodos e de seus objetos. Inserir-se nessas discussões era importante para Huizinga porque significava “nada menos que

² HUIZINGA, Johan. My path to History. *Op.cit.*, p.269. “My path to History was thus completed”

³ IGGERS, Georg. *Historiography in the Twentieth Century: from scientific objectivity to the Post modern challenge*. New England: Wesleyan University Press, 1997.

⁴ HUIZINGA, Johan. L’elemento estetico delle rappresentazioni storiche. In: *Le immagini della storia*. Turin: Giulio Einaudi, 1993. p.6. “Campo in cui lo scontro di opinioni è pieno svolgimento”.

⁵ *Idem. ibidem*, p.6. “Ogni passo è pericoloso, ed è doppiamente pericoloso se non si sceglie subito da che parte essere”.

libertar as artes da cadeia do determinismo científico, uma devolução das humanidades à sua própria preocupação e valor, e, assim, uma rejeição do realismo histórico ingênuo”.⁶

“Devolver as humanidades à sua própria preocupação e valor” era, para Huizinga, o prelúdio incontornável para o desenvolvimento de suas idéias sobre o elemento estético da compreensão histórica. Todas as suas proposições nesse sentido dependiam, teórica e metodologicamente, de que a História se libertasse das “cadeias do determinismo científico” que haviam, em sua opinião, subvertido as especificidades desse conhecimento ao tentar lhe impor um padrão de cientificidade e objetos que lhe eram estranhos. Somente quando a História fosse restituída de seu valor como ciência voltada para a “compreensão” e não para a “explicação”, para o particular e não para o geral, é que Huizinga poderia desenvolver as suas teorias sobre o caráter estético das representações históricas. Esse foi o percurso analítico escolhido por Huizinga: primeiro tratar das questões que ocupavam a mente dos historiadores desde o final do século XIX, sobretudo, a questão do estatuto científico da história, e só então apresentar as suas proposições sobre a compreensão histórica.

A aula de Huizinga começava com a constatação de que o conhecimento histórico estava em crise: “a ciência histórica, que por longo tempo pode seguir sem ser incomodada o seu caminho” foi forçada, no final do século XIX, “a dar satisfações a si mesma e aos outros da legitimidade dos seus domínios e da independência da qual gozava”.⁷ Desde a sua constituição como ciência moderna na virada do século XVIII para o século XIX, o conhecimento histórico não havia experimentado uma convulsão de tal ordem. A sua condição como ciência, alcançada por meio do aprimoramento e refinamento de seu método e, principalmente, de sua entrada no campo universitário no século XIX, havia lhe garantido um lugar legítimo e independente em relação aos outros saberes⁸. Durante grande parte desse século, a História havia podido progredir intensamente em suas pesquisas e problemas, chegando mesmo a ocupar um lugar central na vida cultural desta sociedade: era a ciência que tinha o papel de prover discernimento sobre o significado do mundo humano⁹. Por mais que as tensões no campo historiográfico tenham permanecido latentes em todo o decorrer deste

⁶ HUIZINGA, Johan. My path to History. *Op.cit.*, p.270. “Meant nothing less than freeing the arts from the shackles of scientific determinism, a restoration of the humanities to their proper rle and worth, and thus a rejection of naïve historical realism”.

⁷ *Idem.* L’elemento estetico delle rappresentazioni storiche. *Op.cit.*, p.06. “La scienza storica, che per lungo tempo ha potuto seguire indisturbata il suo cammino con un corredo di norme e metodi sperimentati, è stata costretta nel secolo scorso a redere conto a se stessa e ad altri della legittimità dei suoi domini e dell’indipendenza di cui godeva.”

⁸ *Idem.* Desarrollo de la Ciencia Historica desde comienzos del Siglo XIX. *Sobre el estado actual de la Ciencia Histórica: cuatro conferencias.* Tucuman: Ed. Cervantes, s/d.

⁹ IGGERS, Georg. *Historiography in the Twentieth Century...* *Op.cit.*, p.25.

século, ainda era possível apontar para um consenso entre os historiadores em relação a qual seria a tarefa desse conhecimento e quais seriam seus métodos e objetos específicos. O que havia mudado no final do século XIX é que esse consenso que havia provido as bases de uma agenda comum para os historiadores fragilizou-se, levando a ciência histórica à crise a qual Huizinga via-se impelido a lidar em sua aula inaugural.

Mas, o que havia conduzido a ciência histórica a tal situação? Para Huizinga, não era coincidência o fato de essa crise ter se dado simultaneamente ao expressivo avanço das ciências naturais no final do século XIX. Pelo contrário, era justamente nesse avanço e na pretensão dessas ciências de se imporem ao pensamento moderno como o *único* caminho para alcançar o conhecimento da verdade, que Huizinga identificava a sua origem. O problema estava no fato de que a centralidade que estas ciências empíricas alcançaram no pensamento científico, nesse momento, havia feito emergir um novo paradigma de Ciência: daí em diante a definição como conhecimento verdadeiramente científico era reservado somente àqueles saberes que demonstravam ter inclinação para o exato, para a generalização e para a definição de leis gerais. E a História, como havia sido praticada até esse momento, estava bem longe de atender essas demandas. “A ciência, como era a suposição corrente, tinha que ser exata. Se a História, tal como havia sido praticada até aqui, fosse colocada a prova, advertir-se-ia que era bastante deficiente. A quem importaria, todavia, os heróis e as batalhas?”.¹⁰ O conhecimento histórico encontrava-se, então, em uma encruzilhada: ou mantinha o seu enfoque no individual e nos acontecimentos especiais, como havia feito até então, ou atendia as demandas por maior sistematicidade e mudava o seu foco do particular para o geral, do único para o regular, do indeterminado para o determinado, do individual para o coletivo. Os que elegeram essa última opção como diretriz de seus estudos históricos tiveram que levar a cabo uma difícil, e segundo Huizinga, arbitrária, tarefa: a de modificar os métodos e objetos que eram específicos do conhecimento histórico a ponto de torná-lo capaz de “demonstrar possuir leis de validade geral equivalentes àquelas das ciências naturais”.¹¹

Nessa tarefa de reestruturação do conhecimento histórico, produto desse investida de aproximação com o ideal sistemático das ciências naturais, Huizinga destacava o importante papel desempenhado por duas ciências sociais nascentes: a Psicologia e, sobretudo, a Sociologia. Estas foram as ciências que forneceram os expedientes teóricos que serviram de base para a construção de uma “nova História científica” e também foi delas que essa “nova

¹⁰ HUIZINGA, Johan. Desarrollo de la Ciencia Historica desde comienzos del Siglo XIX. *Op.cit.*, p.23.

¹¹ *Idem*. L'elemento estetico delle rappresentazioni storiche. *Op.cit.*, p. 7. “Poter dimonstrare di possedere leggi di validità generale equivalenti a quelle delle scienze naturali”.

História” tomou de empréstimo a sua vocação para o social, com enfoque nas estruturas e nos processos sociais de mudança.¹² Essa opção pelo social ia de encontro com o paradigma historiográfico tradicional e com a concepção huizinguiana de História: além de ser um recorte que pretensamente negligenciava o homem e suas ações, objeto central desta historiografia, ela ainda acreditava poder, por meio de recursos generalizantes, reduzir os elementos de intencionalidade a categorias e conceitos.

Para Huizinga, o que inviabilizava as pretensões dessa “nova História científica” de se apropriar dos recursos metodológicos dessas ciências mais sistemáticas para “explicar” os fenômenos do passado era a existência de uma divergência intrínseca de objetivos e objetos. A diferença essencial que as separava do conhecimento histórico era que, ao contrário deste, que buscava compreender os seus objetos na sua singularidade, como acontecimento e intencionalidade irreduzíveis a abstrações e conceitos, era por meio destes expedientes, segundo Huizinga, como “organismos”, que essas ciências tratavam os assuntos de seu interesse.¹³ Tal tratamento “orgânico” não poderia ser aplicado aos objetos históricos porque, diferentemente dessas ciências que tinham como percurso analítico primeiro a antecipação do ponto central a partir do qual analisar os fatos e somente depois os próprios fatos, a História era uma ciência que deveria trabalhar de um ponto de vista indeterminista. Era somente a partir dos próprios fatos que o historiador poderia partir para idéias de caráter mais amplo, e não o contrário. O próprio objeto histórico portava especificidades que limitavam a eficácia desse tratamento “orgânico” quando vertido para os problemas históricos: se os objetos “sociológicos” eram passíveis de esquematizações, inferências amplas sacadas de reduções e simplificações, os objetos históricos, “fossem pequenos, fossem grandes, não se deixavam isolar do curso dos acontecimentos, isentos de repetição e redução”.¹⁴ A História era, e deveria continuar sendo sempre, destarte, “a investigação dos acontecimentos particulares, não como tipos ou casos particulares de um conceito geral, mas pela sua importância intrínseca”.¹⁵ Qualquer tentativa de subverter tal desígnio era uma ameaça direta ao que Huizinga acreditava ser a “disposição natural do sentimento histórico”, ou seja, “o especial, o intuitivo, o concreto, o que não se repete, o pessoal”.¹⁶

Isso não significava, todavia, que essas categorias, tipos e métodos oferecidos por essas ciências sistemáticas não tivessem nenhuma validade para a História; muito pelo

¹² IGGERS, Georg. *Historiography in the Twentieth Century.... Op.cit.* p. 3.

¹³ HUIZINGA, J. La idea histórica. In: *Sobre el estado actual de la ciencia historica. Op.cit.* p. 54.

¹⁴ *Idem.* Desarrollo de la Ciencia Historica desde comienzos del Siglo XIX. *Op.cit.* p.25.

¹⁵ *Idem.* L’elemento estetico delle rappresentazioni storiche. *Op.cit.* p.10. “L’indagine dei singoli avvenimenti, non quali tipi o casi particolari di un concetto generale, ma per la loro intrinseca importanza”.

¹⁶ *Idem.* La idea histórica. *Op.cit.* p.62.

contrário. Acompanhando o argumento de Georg Simmel, Huizinga acreditava que “uma concepção histórica sem qualquer ponto de vista estabelecido seria em prática impossível”.¹⁷ A utilidade desses conceitos para a ciência histórica estaria condicionada, contudo, a uma reavaliação de qual seria a real tarefa no processo de compreensão histórica: eles deviam servir apenas como fio condutor na definição e agrupamentos dos fatos. Igual função, segundo Huizinga, deveria se restringir ao momento inicial da pesquisa histórica, momento no qual eles serviam para isolar temporariamente, na diversidade de informações, os elementos significativos para a compreensão de determinado evento histórico. Esses conceitos não poderiam ser, deste modo, produto de um exercício de abstração radical, mas deveriam estar em estreita conexão “com aquela variada plenitude da vida que está em contínua mudança e que termina nos acontecimentos históricos particulares”.¹⁸

Para Huizinga, o exemplo cabal de quanto esta tentativa de “sociologizar” e “psicologizar” a História poderia conduzir a graves erros de interpretação era o caso do livro *Deutch Geschichte*, do historiador alemão Karl Lamprecht. Este livro, lançado em 1891, gerou uma grande polêmica entre os historiadores, sobretudo, porque havia feito uso de concepções especulativas de psicologia coletiva para provar que a história alemã desde a antiguidade teria seguido leis predeterminadas de desenvolvimento histórico.¹⁹ Na sua defesa de que a “a verdadeira função da História era uma função de psicologia social”,²⁰ Huizinga via uma perigosa deturpação da real tarefa do conhecimento histórico que deveria ser não a de perscrutar os meandros obscuros da psicologia dos homens do passado, mas o de compreendê-los em toda a sua complexidade por meio de sua conexão “com seu tempo, com o curso de seu próprio destino”.²¹ Desse modo, não era por meio da psicologia que a História poderia se conectar com essas existências passadas, porque o que interessava para o conhecimento histórico não era “compreender a vida interior *em geral* através dos conceitos, mas, na medida do possível, *no particular*, de maneira intuitiva”.²² Essa era a maior crítica de Huizinga a Lamprecht: no seu empenho de encontrar um “novo método” para a ciência histórica, mais sistemático e focado na obtenção de conceitos de validade geral, ele havia

¹⁷ HUIZINGA, Johan. L'elemento estetico delle rappresentazioni storiche. *Op.cit.* p. 29. “Una concezione storica senza un qualche punto di vista stabilito sarebbe in pratica impossibile”.

¹⁸ *Idem, ibidem.* p.10. “Con quella variegata pienezza di vita che è in continuo mutamento e che sfocia nei singoli avvenimenti storici”.

¹⁹ IGGERS, Georg. *Historiography in the Twentieth Century...* *Op.cit.* ,p. 32.

²⁰ HUIZINGA, J. Problemas de la Historia de la Cultura. In: *El concepto de la historia y otros ensayos.* México: Fondo de Cultura Económica, 1992. p. 57.

²¹ *Idem.* La idea histórica. *Op.cit.* p. 52.

²² *Idem.* L'elemento estetico delle rappresentazioni storiche. *Op.cit.* p. 20. “Comprendere la vita interiore *in generale* attraverso dei concetti, ma, per quanto possibile, *nel particolare* in maniera intuitiva.”

eliminado o indivíduo e suas ações do processo histórico e destituído os eventos de seu significado absoluto e particular. “Um conhecimento que perca de vista homens e acontecimentos em sua vida e movimento, pode ser valioso, porém, deixa de ser História”.²³

Para a história, pelo menos se tomada assim como é, e não constrangida dentro de um sistema inadequado, o objeto tem valor absoluto. Não são os meros processos a despertar o nosso interesse, mas o conteúdo das ações humanas. Isso que importa não é ignorar as diferenças qualitativas dos objetos para depois investigar a sua generalidade, mas compreender aqueles objetos, isto é, os homens e suas ações propriamente naquela que é a sua particularidade individual.²⁴

Huizinga encontrou os seus mais importantes aliados nesse debate sobre o estatuto científico da História e sobre a especificidade lógica desse conhecimento nos filósofos alemães do final do século XIX que haviam criado, nesse momento de intenso debate sobre a teoria da ciência histórica uma “moderna teoria do conhecimento das ciências do espírito sobre bases próprias, emancipando-as, portanto, do julgo das normas das ciências naturais”.²⁵ Filósofos como Dilthey, Windelband, Simmel, Rickert e Spranger haviam sido responsáveis por revelar que

a ciência e a gênese do conhecimento histórico diferiam fundamentalmente da investigação própria das ciências naturais, que a História que não buscasse a meta de seus conhecimentos no particular dos acontecimentos mesmos se condenava a uma atrofia geral e que somente uma *petitio principii* podia reivindicar exclusivamente o caráter de ciência para o conhecimento do geral expressado em conceitos.²⁶

Foram estes filósofos, portanto, que forneceram as bases teóricas que permitiram a Huizinga defender a especificidade lógica da ciência histórica de forma consistente e teoricamente embasada, servindo, então, de munição contra os ataques daqueles que, como Lamprecht, pretendiam fazer da História uma ciência exata. Foi a partir também dessa teoria do conhecimento alemã que Huizinga encontrou os fundamentos teóricos para a formulação de sua concepção estética do conhecimento histórico.²⁷

Se a História tinha como objeto os homens e suas ações em sua particularidade individual e não se encaixava, como mostrava o fracasso de Lamprecht ao tentar aproximar a História das ciências naturais, nos cânones do conceito de ciência que foi tomado de

²³ HUIZINGA, Johan. La idea histórica. *Op.cit.* p. 62.

²⁴ *Idem.* L'elemento estetico delle rappresentazioni storiche. *Op.cit.* p. 17. “Per la storia, perlomeno se presa così com'è e non costretta entro un sistema inadeguato, l'oggetto ha valore assoluto. Non sono i meri processi a destare il nostro interesse, ma il contenuto delle azioni umane. Ciò che importa non è ignorare le differenze qualitative degli oggetti per poi investigarne le generalità, ma è capire quegli oggetti, cioè gli uomini e le loro azioni, proprio in quella che è la loro particolarità individuale”.

²⁵ *Idem.* Problemas de la Historia de la Cultura. *Op.cit.* p. 25.

²⁶ *Idem. ibidem.*

²⁷ BOER, W. Prefazione all'edizione italiana. In: HUIZINGA, Johan. *Le immagini della storia. Op.cit.* p.XVIII.

empréstimo das ciências exatas, então, o que garantia a esse conhecimento o estatuto de verdadeira ciência? A resposta a essa pergunta estava, para Huizinga e para os teóricos das ciências do espírito, no reconhecimento da afinidade entre Arte e História e na criação de um conceito de Ciência que estivesse unificado não por seus métodos, mas por sua responsabilidade em buscar a verdade.

Tal afinidade entre Arte e História era fruto, sobretudo, da idéia de que o caberia à história em relação ao passado “não é nunca fotografar, mas é representar”.²⁸ “A relação entre a História e o passado não é nunca a de uma imagem mecanicamente refletida. Sempre se trata de uma certa interlocução do passado, de uma interpretação do quem era antes, de entender o sentido e a coerência em função de um todo”.²⁹ Ao contrário das ciências naturais que trabalham com uma matéria dada e determinada de antemão, acessível à observação, a classificação e a experimentação, a matéria da História – certos acontecimentos de certo passado – não está dada por si. Não existia, no sentido que existe a Natureza.

Para poder representá-la como existente, o historiador tem que submeter a tradição a uma elaboração fatigante: tem que rebuscar e combinar, peneirar e ordenar o material dos acontecimentos, para ‘chegar a conhecer’ a matéria prima de suas atividades.³⁰

Era justamente nessa operação historiográfica de construção de seu objeto que estava a especificidade do conhecimento histórico em relação às ciências naturais. Essa ação transformadora do passado em História – porque o passado não é História em si mesmo, mas o objeto para o qual se volta esse saber – foi resumido no *conceito de representação* que postulava que no ato da apropriação da realidade estava intrínseco um processo de transformação, simplificação, dessa mesma realidade.

Huizinga argumentava, reforçando a crítica ao realismo histórico, que “a única coisa que nos oferece a História é uma *certa* idéia de um *certo* passado, uma imagem inteligível de um fragmento do passado, não é nunca a reconstrução ou reprodução de um passado dado”. Porque, para ele, “o passado não é dado nunca, o único dado é a tradição”.³¹ Dessa forma, o ato da compreensão histórica, de tornar inteligíveis os acontecimentos do passado, não poderia mais ser visto como uma imagem refletida, como uma fotografia que permitisse vislumbrar o passado *in loco*, mas como um ato de representação, portanto, de transformação

²⁸ HUIZINGA, Johan. L'elemento estetico delle rappresentazioni storiche. *Op.cit.* p. 14. “Quello che la storia compie nei confronti del passato non è mai fotografare, ma è rappresentare.”

²⁹ *Idem.* El proceso del conocimiento histórico. In: *Sobre el estado actual de la ciencia historica.* *Op.cit.* p. 39.

³⁰ *Idem.* Problemas de la Historia de la Cultura. In: *El concepto de la historia y otros ensayos.* *Op.cit.* p.18-19.

³¹ *Idem.* En torno a la definicion del concepto de Historia. In: *El concepto de la historia y otros ensayos.* *Op.cit.* p. 91.

do passado. “O espírito escolhe da tradição certos elementos e os agrupa para formar uma imagem de uma conexão histórica não realizada sequer no passado mesmo, tal e como foi vivida”.³² A representação – que é a criação de uma *imagem* do passado – era, portanto, o início da atividade mental propriamente histórica. Dizia respeito à maneira de captar o significado e a relação dos fatos, tratando-se de um ato psíquico que se origina na mente do historiador quando este se põe a ler os dados referentes a um determinado acontecimento histórico. Nesse sentido, a “recriação do material histórico”, como ato psíquico, não poderia ser compreendida como uma ação puramente intelectual, porque demandava outras premissas que somente pela lógica não poderiam ser explicadas. “Isso que desperta o nosso interesse é reconhecer que em cada estágio das atividades mentais, (...) o historiador deve recorrer continuamente a funções psíquicas que estão muito além e que são muito mais imperscrutáveis que uma associação de idéias puramente lógicas”.³³ Tal elemento extra-lógico, fundamental para esse processo de “recriação” do passado, era, para Huizinga, a função subjetiva da “imaginação”.

Huizinga concordava com Georg Simmel que “já no momento no qual se forma a primeira representação histórica, a primeira *imagem* histórica, entra em jogo o elemento comum à pesquisa histórica e a arte”.³⁴ Ao recolher os dados do passado, o historiador se via diante da tarefa de “montar os fragmentos dispersos” de forma significativa e nesse processo ele se encontrava mais próximo do poeta do que do “cientista” empírico. Assim como E. Spranger, Huizinga argumentava que no trabalho de interpretação histórica, como no ato de criação poética, estavam intrínsecos expedientes enigmáticos do engenho que fugiam a toda explicação racional, comportando elementos como a intuição e o talento.³⁵

Muito antes que o historiador comece a escrever, muito antes que o poeta dirija a sua mente a metro e rima, entra em campo a disposição do espírito que lhes ligam: o vínculo não está na forma que eles criam, mas na maneira de conceber e na percepção. Durante a fase criativa a afinidade entre o trabalho do historiador e aquele do poeta é perdida de vista na sua pureza originária: finalidades completamente diferentes estão a dividi-los. Na produção se encontram, porém, juntos, na medida em que fazem uso dos mesmos para obter a capacidade imaginativa do leitor.³⁶

³² HUIZINGA, J. Problemas de la Historia de la Cultura. *Op.cit.* p. 20.

³³ *Idem.* L’elemento estetico delle rappresentazioni storiche. *Op.cit.* p. 21-22. “Ciò che desta qui il nostro interesse è il riconoscere che in ogni stadio delle attività mentali, (...) lo storico deve fare continuamente ricorso a funzioni psichiche che vanno molto al di là e che sono molto più imperscrutabili di una associazione di idee puramente logica.”

³⁴ *Idem. Ibidem.* p. 12. “Già dal momento in cui si forma la prima rappresentazione storica, la prima *immagine* storica, entra in gioco l’elemento comune a ricerca storica e arte.”

³⁵ *Idem. Ibidem.* p. 15.

³⁶ *Idem.* L’elemento estetico delle rappresentazioni storiche. *Op.cit.* p. 16. “Molto prima che lo storico inizi a scrivere, molto prima che il poteva rivolga la sua mente a metro e rima, entra in campo la disposizione di spirito che li lega: il legame non sta nella forma in cui creano, ma nella maniera di concepire e nella

O historiador deveria levar a termo, na discussão disso que uma vez foi realidade, a mesma tarefa que o poeta deve levar a cabo em relação a isso que existe na sua fantasia. As raízes da afinidade entre a criação histórica e aquela estética se encontram aqui.³⁷ Tal como o poeta, o historiador tinha como tarefa dar *forma* a esses fragmentos e essa tarefa era algo que transcendia a esfera do racional, do intelectual, porque estavam em jogo outros recursos cognitivos que não aqueles da “explicação” e da “causalidade”. O próprio ato de “compreensão” não se deixava reduzir a fórmulas simples de causa e efeito. Eles pressupunham antes uma operação de caráter diverso, porque o passado não era História por si mesmo, mas se tornava tal coisa, na medida em que fosse submetido às interrogações do historiador e a um método crítico que ligasse os fragmentos pretéritos à sua historicidade. “Até a melhor e mais completa das tradições é por si mesma muda e amorfa, se a história não se encarrega de convertê-la em resposta às perguntas que lhe são dirigidas”.³⁸ A verdadeira forma do passado se revelaria unicamente, portanto, pelo olhar do historiador, pelo seu trabalho em extrair sentido dos fragmentos pretéritos por meio da construção de uma *forma* em que estes estivessem articulados de maneira significativa.

Diferentemente do realismo histórico que pretendia narrar os fatos em sua pretensa “realidade”, sem a afetação da subjetividade do historiador, e das ciências exatas que acreditavam ser capazes de, por um extenso controle metodológico, eliminar a ação do observador sobre o seu objeto, Huizinga defendia que a subjetividade era uma marca indelével e essencial da coordenação dos eventos históricos numa narrativa coerente e significativa. Era, portanto, a partir da subjetividade e “imaginação” do historiador, que se dava a operação que transformava o passado em História. Na sua capacidade de “evocar” o passado através de *imagens*, fazendo-o reviver como uma presença imaginária, nessa operação de fazer falar essa “tradição muda e amorfa” por meio de uma “sugestão visionária”, que se encontrava o elemento estético das representações históricas. Assim, a função estética expressa nessa competência de visualizar o passado, tornava-se o ponto de partida para uma perspectiva “morfológica” da História.³⁹ Perspectiva esta que coordenava os detalhes pretéritos no sentido de conseguir perceber, dentro de um sentido de proporção, os contornos

percezione. Durante la fase creativa l'affinità fra il lavoro dello storico e quello del poeta viene persa di vista nella sua purezza originaria: finalità completamente diverse vengono a dividerli. Nella produzione si ritrovano però insieme, in quanto fanno uso degli stessi mezzi per far leva sulla capacità immaginativa del lettore.”

³⁷ HUIZINGA, J. L'elemento estetico delle rappresentazioni storiche. *Op.cit.* “Le radici dell'affinità fra le creazione storica e quella estetica si trovano qui”.

³⁸ *Idem.* Problemas de la Historia de la Cultura. *Op.cit.* p. 19.

³⁹ BOER, Wietse. Prefazione all'edizione italiana. *Op.cit.* p. XVIII.

da vida, as concepções de mundo próprias das épocas pretéritas, propiciando um panorama histórico em que suas expressões múltiplas, seus dados particulares, ganham sentido na articulação com o todo.

Reconhecer a existência deste “fator irracional da imaginação histórica” não acarretava para a História, na perspectiva de Huizinga e dos filósofos da teoria independente das ciências do espírito, um prejuízo para o seu estatuto científico. Qualquer tentativa de querer banir da ciência história, negligenciando a sua afinidade com a “arte”, esses elementos não-rationais dos quais a história se serve para obter o seu conhecimento era visto simplesmente como uma “uma exagerada tendência à sistematicidade”.⁴⁰ Tais elementos eram intrínsecos à História e não poderiam ser eliminados sem que também se eliminasse a própria especificidade desse conhecimento. E essa especificidade residia, sobretudo, no fato de que, pela fluidez característica de seus objetos, este conhecimento demandava uma forma específica de compreensão de conceitos como verdade e exatidão.⁴¹ Conceitos estes que não poderiam ser tomados de empréstimo das ciências empíricas, segundo Huizinga, em razão da particularidade dos objetos que interessam à História: eles advêm da esfera mesma da vida e portam, por isso, toda a sua complexidade inerente.

Nessa direção Huizinga observava a História como sendo, “de todas as ciências, a que mais se aproxima da vida”.⁴² Disso adviria a sua força e a sua debilidade, uma vez que esse dado tornava “variáveis as suas formas, duvidosas as suas certezas”, entretanto, ao mesmo tempo lhe dava “a sua universalidade, sua importância, sua gravidade”.⁴³ Huizinga concordava com Eduard Meyer, citando-o em sua aula inaugural, que “pode ser de tudo indiferente para a disciplina histórica decidir chamar isso que a história é na realidade com o nome de ciência. À história é totalmente suficiente o existir e o satisfazer, assim como é, uma necessidade incontestável da humanidade”.⁴⁴ A História era, por conseguinte, “mais-que-ciência”, pois atenderia “necessidades que transcendem a esfera da curiosidade intelectual”⁴⁵. Se as ciências naturais tinham como objetivo ideal o domínio sobre a natureza, as disciplinas

⁴⁰ HUIZINGA, Johan. L'elemento estetico delle rappresentazioni storiche. *Op.cit.* p. 22. “Un'esagerata tendenza alla sistematicità”.

⁴¹ *Idem.* Problemas de la Historia de la Cultura. *Op.cit.* p. 16.

⁴² *Idem.* Desarrollo de la Ciencia Histórica desde comienzos del siglo XIX. *Op.cit.* p. 9.

⁴³ *Idem. Ibidem.*

⁴⁴ MEYER, Eduard. apud. HUIZINGA, Johan. L'elemento estetico delle rappresentazioni storiche. *Op.cit.* p. 12. “Può essere del tutto indifferente per la disciplina storica decidere di chiamare ciò che la storia è nella realtà con il nome di scienza. Alla storia è del tutto sufficiente l'esistere e il soddisfare, così com'è, un bisogno incontestabile dell'umanità”.

⁴⁵ HUIZINGA, Johan. Desarrollo de la Ciencia Histórica desde comienzos del siglo XIX. *Op.cit.* p. 9.

humanísticas – como a História – tinham, ao contrário, o objetivo da sabedoria.⁴⁶ “Uma ciência histórica que trabalha exclusivamente para um grupo esotérico de profissionais, não desempenharia a sua função. Porque é a própria cultura que lhe pede conhecimentos. A cultura mesma quer e há de dar-se conta de seu passado”.⁴⁷

A História, deste modo, constituía-se como sendo mais que uma disciplina acadêmica: era também a forma pela qual o homem conectava-se com o seu passado e tornava-se mais consciente de seu lugar no mundo. Assim como Jacob Burckhardt, Huizinga também reconhecia e defendia a existência de uma dimensão ética do conhecimento histórico. A História proporcionava ao homem, segundo Burckhardt – e como também defende Huizinga – a oportunidade de tornar-se mais sábio:

O espírito deve integrar em sua substância a recordação de sua passagem pelas várias eras passadas da Terra. O que, antigamente, foi fonte de júbilo e de lamento deve agora tornar-se fonte de reconhecimento, como sucede na vida individual. Dessa maneira, a frase *Historia vitae magistra* assume um significado ao mesmo tempo mais elevado e mais limitado. Por meio da experiência queremos tornar-nos não só atilados (caso aconteça de novo a mesma coisa) como também sábios (para sempre).⁴⁸

A História teria, então, o papel de conectar a humanidade com as vidas pretéritas, permitindo a reapropriação contínua do passado pelo presente num movimento dinâmico, em que a tradição se pautava não pela imobilidade, mas pela ação contínua do movimento da história. Nesse sentido, a historiografia apresentava, como uma das suas especificidades, um certo compromisso com a transmissão dos valores da cultura, mais propriamente dito, da cultura ocidental, e um ideal de serviço para com essa mesma cultura.⁴⁹ Tanto que uma de suas características mais marcantes é a estima atribuída à questão da continuidade histórica e da tradição: vias pelas quais os historiadores da cultura acreditavam prover à sua própria cultura da chave para um entendimento mais lúcido de seu lugar na história e de sua responsabilidade para com ela. “Haverá algo melhor para o homem que ver-se distanciado no tempo e no espaço dos limites da sua própria personalidade estreita, que o sentir-se ligado ao que foi e o que será?”⁵⁰ A relação entre presente e passado e o problema da continuidade histórica mostravam-se, pois, como os pontos nodais da História: o passado apenas ganhava sentido e tornava-se conhecimento histórico, diante das interrogações colocadas pelo próprio

⁴⁶ PANOFSKY, Ernst. Introdução: A História da Arte como disciplina humanística. In: *O Significado nas Artes Visuais*. Lisboa: Ed. Presença, LDA, 1989. p. 26.

⁴⁷ HUIZINGA, Johan. Valor de la História para a cultura atual. In: *Sobre o estado actual de la ciencia história*. *Op.cit.* p. 89.

⁴⁸ BURCKHARDT, Jacob. *Reflexões sobre a História*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, s/d. p. 51.

⁴⁹ GOMBRICH, Ernst. *Para uma história cultural*. Lisboa: Ed. Gradiva, 1994. p. 100.

⁵⁰ HUIZINGA, Johan. Valor de la História para a cultura atual. *Op.cit.* p. 78.

presente. Todavia, numa direção complementar, o presente era compreendido “no passado e através dele”, dando “sentido a nossa própria existência”.⁵¹

⁵¹ HUIZINGA, Johan. Valor de la História para a cultura atual. *Op.cit.* p. 89.